

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



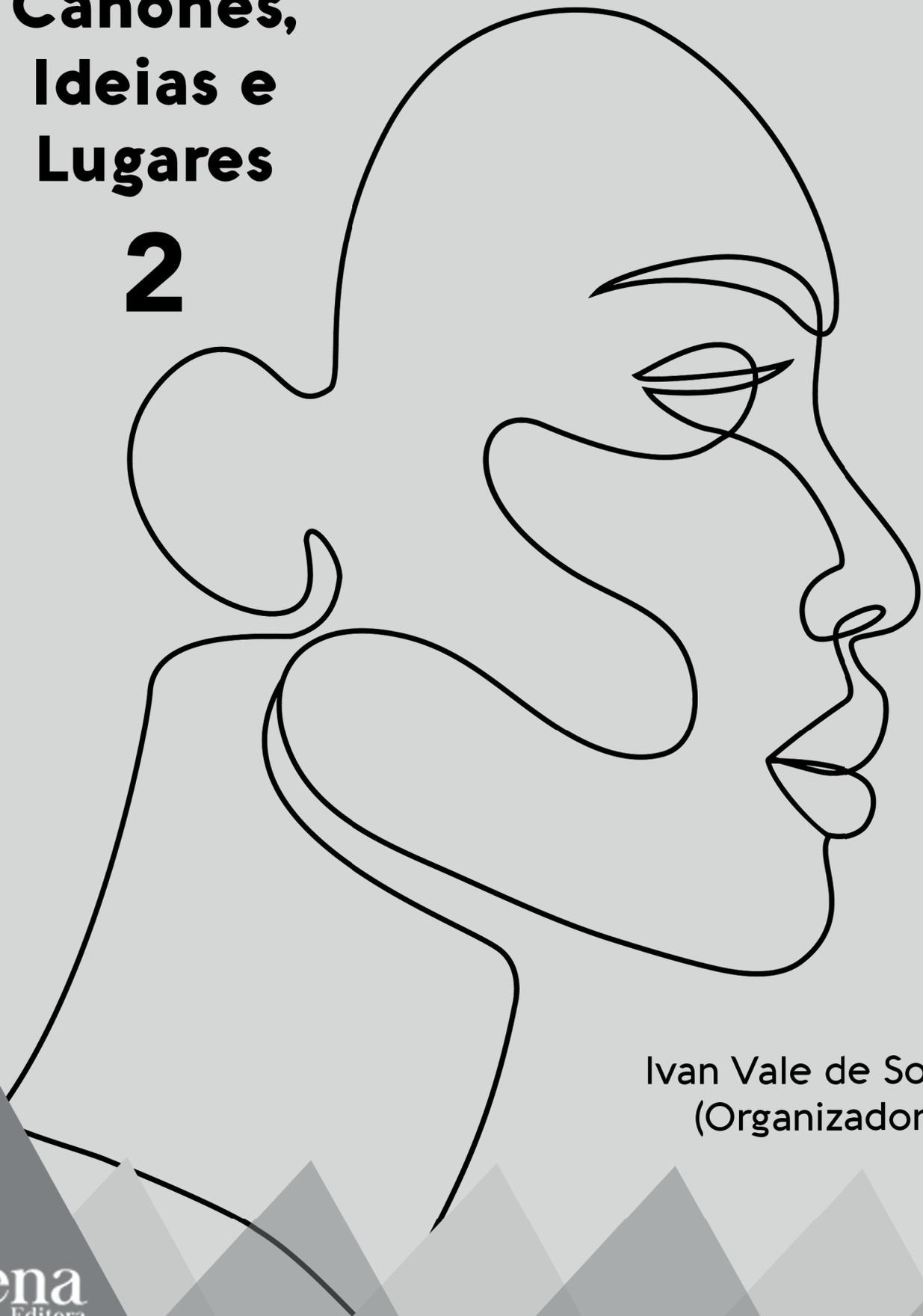
Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira	
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert	
Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa	
Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins	
Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares José Paulo Seifert Brahm Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE *GRAÇA*, DE LUIZ VILELA

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 05/05/2020

Lucas Fernando Gonçalves

UnB/Literatura

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4361219T8>

RESUMO: O presente artigo analisa as ressonâncias do existencialismo no romance *Graça*, de Luiz Vilela (1989), refletindo sobre sua constituição de palimpsesto ao retratar os relacionamentos conjugais da personagem narradora Epifânio. O referencial teórico da pesquisa é o pensamento de Jean-Paul Sartre (1905 – 1980), filósofo que caracterizou diversos desdobramentos no âmbito da fenomenologia existencial. O romance de Vilela apresenta um relato imaginoso que coloca em cena não apenas um dos temas mais recorrentes da literatura universal, que é a questão do encontro amoroso, como também, e uma vez mais, a própria problemática da construção de discurso ficcional e das potencialidades da linguagem na mediação entre vida e criação artística.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo; Luiz Vilela; Sartre.

EXISTENTIALISM IN THE NOVEL *GRAÇA*, THE LUIZ VILELA

ABSTRACT: This article analyzes the resonances of existentialism in the novel *Graça*, by Luiz Vilela (1989), reflecting on his constitution of palimpsest when portraying the conjugal relationships of the narrator character Epifânio. The theoretical framework of the research is the thought of Jean-Paul Sartre (1905 - 1980), a philosopher who characterized several developments within the scope of existential phenomenology. Vilela's novel presents an imaginative account that places on the scene not only one of the most recurring themes in universal literature, which is the question of the amorous encounter, but also, and once again, the very problem of the construction of fictional discourse and potential of language in the mediation between life and artistic creation.

KEYWORDS: Existentialism; Luiz Vilela; Sartre.

1 | EXISTENCIALISMO: ASPECTOS DO HUMANISMO NA OBRA *GRAÇA*

Um grande escritor, sobretudo o romancista, costuma revelar em sua estreia alguns temas que serão recorrentes ou até dominantes em sua obra posterior, assim

como costuma revelar, ao longo de sua obra, elementos de sua própria biografia. A nosso ver, ao escrever *Os Novos*, publicado no ano de 1971, Luiz Vilela toma como objeto de representação os temas da modernidade e da condição humana. Quanto à temática da modernidade, essa questão ganharia maior amplitude filosófica e profundidade existencial em seus romances posteriores: *O inferno é aqui mesmo* (1979), *Entre Amigos* (1983), *Graça* (1989) e *Perdição* (2011). Também assim é em seus contos e suas novelas.

A realidade existencial das personagens Epifânio e Graça, do romance *Graça*, é considerada, nas pegadas de Wania Majadas (2011), como centro discursivo da obra de Luiz Vilela¹, guardadas as devidas proporções e especificidades de espaço, tempo e dimensão histórica e filosófico-psicológica que particularizam essas personagens em relação a outras, que compõem a galeria de personagens de seus contos, novelas e romances posteriores.

Além do romance *Graça*, este capítulo toma como referência a pesquisa *Humanismo e ironia nos contos de Vilela*, na qual Ferreira (2008) realiza um estudo filosófico, de teor existencialista, tendo por *corpus* de investigação alguns contos de Vilela. Ferreira (2008) destaca que a literatura de Vilela constitui mola propulsora para a reflexão da vida humana em seu dinamismo filosófico. A pesquisa de Ferreira (2008) se desenvolve com base no discurso filosófico do existencialismo sartreano, linha de pensamento que alicerça seu estudo e suas reflexões sobre a obra de Vilela, mais precisamente sobre os contos, dos quais se sobressaem aspectos como o humanismo e a ironia. A pesquisa de Ferreira (2008, p. 14) ajuda a diagnosticar a problemática do existencialismo na literatura de Vilela, a falta de referencialidade:

A busca de um fundamento que dê sentido à existência também representa a procura de uma identidade desestabilizada pelo mundo contemporâneo, que é marcado por indefinições e impermanências, retirando, em consequência, as bases que davam aos indivíduos a referencialidade necessária à convivência social.

A falta de fundamento para a constituição de um *ethos* substancial, isto é, para a construção de uma cultura de valores no mundo ocidental, dá-se na verdade pelo Nada que se instaurou na vida humana a partir do século XIX, com a perspectiva dos pensadores do *niilismo*², o qual constitui uma linha de pensamento que se caracteriza pela visão e pela postura cética em relação aos valores e às crenças mundanas. O “nada” supera todas as expectativas, inclusive a da morte, após a qual nada existe, apenas o nada.

A questão existencial, no romance *Graça*, se dá na compreensão de que as personagens Epifânio e Graça, muitas vezes, retratam de modo angustiante as relações conjugais a que são submetidas pelas convenções sociais; eles vivenciam a falta de um

1. A pesquisadora Wania Majadas observou como se distribuem nos contos, novelas e romances de Luiz Vilela os referentes emocionais e conceituais que distinguem o autor e se aglutinam no romance *Graça*.

2. O *niilismo* nasce do latim *nihil*, que designa o nada, o nada de sentido; o que traz o niilismo para o âmbito da existência do homem é a sensação de que as coisas que o cercam não possuem nenhum sentido; assim, o homem passa a afirmar o “nada”, e muitas pessoas que mergulham em um terrível vazio existencial acabam aceitando a depressão como estado da vida, com o que findam por não mais terem esperança em nada.

fundamento que cristalize essas relações. O fundamento ausente poderia ser a fé em um Deus, que uniria homem e mulher no amor; ou a crença na ideia de Destino, que tornaria único o encontro de um casal, como se estivesse predestinado à união, “eternamente”. O fundamento poderia também se fincar na jurisdição do matrimônio civil, numa relação amorosa amparada pela burocracia do Estado. Entretanto, o que encontramos em Vilela, ou seja, na realidade humana descrita em sua literatura, é a problemática da fragmentação das relações humanas, pois não há nada que dê suporte ou nada que dê segurança absoluta aos protagonistas sobre a relação que mantêm entre si, na esfera do casamento. Vejamos como isso ocorre em *Graça* e em diversos contos, dos quais, a seguir, apresentamos alguns.

2 | ANGÚSTIA: TEMA ESTÉTICO DE VILELA

Em sua análise do conto “Uma namorada”³, Ferreira (2008) destaca o isolamento que se impõe o narrador-protagonista, um jovem solitário e sistemático, profundamente marcado pela angústia advinda da falta de sentido das coisas mundanas, inclusive ter amigos ou possuir uma namorada. Para Ferreira (2008, p. 67), “A partir de um narrador-protagonista impossibilitado de estabelecer relações interpessoais, tem-se a representação simbólica de indivíduos imersos em um mundo de angústia e mal-estar. Fatos que levam a uma tentativa de isolamento perante o próximo”.

Podemos relacionar esse jovem solitário ao personagem Epifânio, protagonista do romance *Graça*. Entre ambos há similaridades: os personagens moram sozinhos, sem namorada ou esposa, sem filhos. São homens de trabalho burocrático (característica da vida moderna), sendo o narrador-protagonista de “Uma Namorada” um datilógrafo e Epifânio, de *Graça*, um escrivão. Para Ferreira (2008), o personagem do conto “Uma Namorada” vivencia o estado da existência numa postura de *má-fé*⁴, ou seja, nega para si mesmo a condição de pensar sobre a própria vida, negando-se ao mesmo tempo a aceitar a angústia do seu estado de vazio ontológico. O narrador-protagonista se refugia na *jurisdição* da vida, vivenciando a fuga da sua realidade no compromisso burocrático do trabalho. No fundo, é uma existência que não inclui prazer de viver nem ação crítica da própria liberdade, pois há uma sensação de comodidade na prisão do trabalho.

3. A história apresenta a vida de um homem solitário. O chefe do protagonista, percebendo sua solidão, sugere ao personagem principal que procure uma namorada. A trama retrata a dificuldade que o rapaz sente em estabelecer vínculos amorosos ou outros, realidade esta que é própria da vida contemporânea, que está permeada pelo individualismo e pela fragmentação das relações humanas.

4. Para Sartre, em *O Ser e o Nada*, a categoria da má-fé é uma explicitação sobre a conduta humana que se refugia da angústia. O autor correlaciona tal palavra analogicamente ao significado de mentira, sendo que quem mente engana. Porém, na realidade daquele que age com má-fé, não há dualidade, pois o mesmo que engana é o enganado, sendo a má-fé uma espécie de negação interna, um mentir para si mesmo. O sujeito, por ter consciência (e ter consciência é ter consciência de algo), é consciente de seu agir, de sua fuga da angústia. A ação de má-fé é uma postura negativa que se dá no interior do indivíduo.

Toda tarde, antes de fechar a porta e ir para casa, olho para as pilhas intermináveis de manuscritos que tenho que datilografar, e ao pensar que ali há trabalho para uma vida inteira, sinto uma alegria indescritível e uma profunda gratidão com o Doutor, que arranjou este serviço (VILELA, 1999, p. 16).

A angústia constitui um estado constante de inquietude interior, uma ansiedade doentia; sendo assim, a angústia equivale a uma visão cética da própria existência; inclui tal sofrimento que incute no ser angustiado dúvidas a respeito do valor da condição humana individual. O narrador-protagonista do conto “Uma Namorada” é marcado pela situação da jurisdição da vida; refugia-se no trabalho e nega a condição da angústia. Certamente se depara com uma interpelação inesperada de seu chefe quando este o questiona sobre sua namorada:

A outra coisa que ele me disse — mas isso foi bem depois — foi no Dia dos Namorados. Eu não sabia que aquele dia era Dia dos Namorados, ele é que me falou, e então me perguntou quê que ia dar de presente para minha namorada. Eu falei que não tinha namorada. Ele falou: ‘Achei que tivesse’. Depois falou: ‘Você não sente falta de uma namorada?’ Eu respondi: ‘Não sei.’ Foi uma resposta boa, pois ele não tornou a falar. Pelo menos foi uma resposta verdadeira, pois eu não sabia mesmo. Eu sempre pensara que como todo mundo tinha a sua namorada, eu também acabaria por ter um dia, e não me preocupava com isso. Mas naquela noite comecei a me preocupar, e nas noites seguintes quase cheguei a detestar o Doutor por me ter feito aquela pergunta. Foi aí que as noites se tornaram um problema (VILELA, 1999, p. 17).

“Após a indagação do chefe o narrador-protagonista começa a se sentir incomodado” (FERREIRA, 2008, p. 62), uma angústia se instaura. Sua rotina é quebrada com novas reflexões existenciais; o seu ser é provocado por um questionamento a respeito de que sua vida está sem graça, reconhecendo a importância de encontrar uma namorada, sair do cômodo da vida burocrática, pois, até então, a sua vida estava pautada pelo parâmetro da importância do trabalho:

Antes era muito simples: eu jantava, deitava um pouco até as sete e meia para descansar, e então ia ao cinema. Nunca me faltaria cinema, pois a quantidade deles era maior que os dias da semana, e esse fato me dava um contentamento tão grande como quando olho para as pilhas intermináveis de manuscritos que tenho que datilografar. Depois do cinema vinha para casa, mas antes passava num bar e tomava um copo com leite; nunca bebidas alcoólicas, nem café, pois tanto um como o outro prejudicam os nervos, o que influiria no meu serviço (VILELA, 1999, p. 17).

Surpreendido pela pergunta do Doutor, o rapaz é tomado por uma inquietude que o acompanha até mesmo no cinema, uma de suas poucas distrações fora do escritório. Ele percebe, angustiado, que há vários casais, pessoas que se encontram para um flerte ou passeio conjugal. A pergunta torna-se o seu problema de existência: “Custava a dormir. Comecei a perceber então que estava acontecendo alguma coisa nova comigo. Foi nessas ocasiões que quase cheguei a detestar o Doutor, pois sua pergunta é que provocara tudo. As noites tornaram-se insuportáveis para mim” (Vilela, 1999, p. 22).

O rapaz, narrador-protagonista, depara-se com a possibilidade de se relacionar com uma vizinha — Ana — moça que comumente encontrava no percurso de sua caminhada ao trabalho. Inquietava seu espírito imaginar sobre o que poderiam conversar; acometia-o

assim um certo medo e vontade de desistir da ideia de namorá-la. Certa vez, o rapaz viu Ana numa sessão de cinema; enquanto a contemplava, sentada algumas fileiras à sua frente com uma amiga, ele toma a iniciativa de se sentar ao seu lado. Após algum tempo, sem ele ter dito nada para ela, Ana cochicha algo com a amiga e, em seguida, ambas se levantam e sentam-se em outra fileira.

Esse ato desencadeou no narrador-protagonista um processo de aflição e um retorno ao seu estado de angústia, chegando ao extremo de tentar suicídio. Após uma tentativa frustrada, voltou atrás e pensou na grande besteira que estaria fazendo. Passou algum tempo atormentado por ela não lhe ter correspondido, mas chegou um determinado momento em que sentiu-se bem, ao se livrar do fardo de ter que se relacionar com alguém (FERREIRA, 2008, p. 65).

Destaca-se, na discussão de Ferreira (2008), relativa à análise do conto *Uma Namorada*, o fato de que a certeza cartesiana de uma vida totalmente equilibrada pela razão não é tão segura assim: a existência solitária, cuidadosamente construída, do rapaz, apenas revela seu constante estado de angústia e um pesado sentimento de ameaça sobre sua cabeça. Essa personagem ilustra o conflito da condição humana: a despeito de todos os projetos pautados na razão, a alma humana não se livra de seus conflitos.

Na corrente filosófica dos existencialistas há uma retomada crítica e cética a respeito do projeto da modernidade: o ser humano é muito mais do que razão, vivenciando, em diversos momentos, a crise emocional da angústia. Deste modo, caracteriza-se um certo ceticismo na literatura de Vilela a respeito da vida moderna como realização do sentido existencial humano.

3 | VERGONHA: A ESTÉTICA DO OLHAR E O RECONHECIMENTO DA ALTERIDADE

A obra *Graça* é epifânica e, neste sentido, o nome da personagem central, Epifânio, é muito significativo. Majadas (2011, p. 89) chama a atenção para o fato de que, inicialmente, o protagonista “apresenta-se como o escritor Reginaldo Carvalho, autor com livros publicados. Mais tarde ele se desmentirá, dizendo chamar-se, na realidade, Epifânio Carvalho”. Para os mais íntimos e próximos, Epifânio é tratado apenas como Pi.

Epifânio mora sozinho, porém, diferentemente do narrador-protagonista do conto “Uma namorada”, não se pode dizer que é um homem essencialmente solitário, visto que teve vários relacionamentos. Dulcinéia, Rutinéia, Margarida, Verônica, Eveline, Camélia são mulheres citadas na narrativa, que passaram pela vida amorosa do protagonista. Graça, a sua última companheira, dá nome à obra.

A narrativa apresenta recursos estéticos que permitem identificá-la como memória poética⁵, ou seja, constitui uma espécie de relato do próprio Epifânio, que inclui fatos ocorridos em sua infância e sua juventude, com destaque para a educação cristã que

5. Milan Kundera nos apresenta a possibilidade de “leveza do ser” (sentido de sonhar e interpretar criativamente os fatos da própria vida, sem a intenção da certeza causal moderna de Descartes), ao elaborar o conceito de memória poética, no romance *A insustentável leveza do ser*.

obteve na escola e na família. Os escritos destacam o seu relacionamento com Graça, sua última mulher. Mais uma vez, o nome que Vilela atribui a uma personagem parece ser muito significativo, pois Graça remete para um contexto de favor divino. Assim, é interessante observar com cuidado os nomes das principais personagens: Graça e Epifânio contêm significados “ambivalentes para o código do Cristianismo”, lembra Majadas (2011, p. 101). Graça e Epifânio remetem a narrativa para um contexto muito especial de descobertas.

Epifânio é apresentado como um homem em crise com o seu próprio tempo histórico. Não há em sua vida ações minuciosas pensadas por um cuidado extremo e racional, propósito da modernidade. Longe de ser racionalista, Pi vive atribulado por conflitos que envolvem seus próprios tormentos e também envolvem sua relação com Graça, sua amante, em um jogo de vontades de um sobre o outro, que permanece no decorrer da narrativa, colocando em evidência deslocamentos na relação de poder que se estabelece entre os dois.

Ao desenvolver a narrativa com foco em conflitos que alternam os tormentos internos do protagonista e seus problemas externos, envolvendo a personagem Graça, Vilela demonstra que considera uma ilusão cartesiana a existência de um *eu* solipsista⁶. Ronaldo Franjotti (2011, p. 21) se equivoca ao caracterizar o niilismo como algo totalmente egoísta; para ele, o “niilismo é a perda total de crenças e valores, tudo passa a ser subordinado ao eu (afinal, é ele quem representa a realidade, o mundo), logo, a compaixão cristã pelo próximo perde sua relevância”. A ideia de que tudo é subordinado ao *eu* é própria de alguém solipsista. Ao pensar, como Descartes, que o *eu* é a certeza obtida pelo *cogito*, fica explícito que não tenho tanta certeza a respeito da existência do outro e o reduzo à mera representação facultativa do meu intelecto. Franjotti (2011, p. 19) afirma, a nosso ver, corretamente: “Essa visão do mundo como representação é que acarretará a desagregação total de todo e qualquer valor, principalmente dos valores judaico-cristãos”.

Sartre (1973) consegue derrubar as barreiras do solipsismo dos pensadores modernos que, como ele mesmo indica, partem geralmente dos pressupostos cartesianos do *cogito*. Aceitando o princípio de que o nosso alcance da realidade surge *a partir e dentro* dos limites da própria consciência – como ideias que aparecem claras e distintas –, surge o fantasma do isolamento ontológico. Sartre (1973) mostra a necessidade de ampliar o alcance do *cogito* cartesiano, mudando o verbo “pensar” para o “olhar”, que atinge diretamente a realidade do Outro. Salvando a certeza da alteridade, comprovar-se-á que não é possível dar esse passo pela via cognitiva. É prioritário aceitar que existe uma relação pré-reflexiva que nos põe em contato com o mundo “do-lado-de-fora”. O *cogito* cartesiano reduz a existência humana ao âmbito da consciência, e Sartre considera que esse deve ser o autêntico ponto de partida do filosofar. O primeiro problema que se levanta, então, é o da realidade do mundo externo e dos outros sujeitos. Como ter certeza de que eles existem se se acabou por aceitar só a própria existência ou a consciência

6. Solipsismo significa solidão ontológica, o que equivale dizer que fora de mim *nada* existe.

como recinto da realidade? Surge, portanto, irremediavelmente, o fantasma do solipsismo.

No romance *Graça*, evidencia-se o problema do olhar sartreano como forma de ruptura com o pensar solipsista de Descartes (2002), o que pode ser verificado no constrangedor caso da empregada surda-muda que Graça faz com que seja demitida por Epifânio. Graça inicia, num dado momento, uma conversa com Pi, dizendo que ela está sem ocupação durante o dia e que se sente entediada com isso. Ela então sugere ser ajudante da casa do seu amante, enquanto ele trabalha no cartório. Mas Epifânio afirma que ele não precisa de sua ajuda nos afazeres domésticos, pois sua empregada Bastiana já realiza tal trabalho. Graça insiste na ideia e afirma a importância de demitir a empregada Bastiana, pois, em sua opinião, ela e Pi ficariam mais à vontade nas relações sexuais e em seus diálogos. Epifânio alerta de que não precisam se livrar de Bastiana para serem mais livres em sua intimidade de casal, tendo em vista que a empregada é surda-muda:

Não vou dispensar ela, tá? Nem dispensar ela e nem dispensá-la. Esqueça isso. Você acha que empregada surda-muda a gente encontra todo dia? Para encontrar a Bastiana foi a maior dificuldade, conversei com meio mundo até descobri-la. E estou muito satisfeito com ela, e não penso em dispensá-la (VILELA, 1989, p. 79).

No momento em que eles conversam, Bastiana se aproxima da mesa e recolhe os talheres e pratos do casal, levando-os para a cozinha. Graça percebe que há um olhar estranho da empregada e ela fala para Epifânio: “Você não viu? [...] O jeito que ela me olhou” (VILELA, 1989, p. 80). Epifânio nada havia percebido. Graça retoma a questão do olhar de Bastiana como problema da intimidade da relação de ambos, e conta uma lembrança de uma situação íntima sua com Epifânio no banheiro. Graça relembra do sexo oral que ela realizou nele: afirma que percebeu a presença do olhar da Bastiana pelo buraco da fechadura da porta do banheiro naquele momento. Epifânio acredita que Graça esteja caluniando a empregada deficiente. O suporte teórico de Sartre (2007) ajuda a observar a problemática do olhar da empregada na questão da aflição das relações humanas:

Imaginemos que, por ciúmes, curiosidade ou vício, eu tenha chegado ao ponto de grudar meu ouvido em uma porta ou olhar pelo buraco de uma fechadura. Estou sozinho e ao nível da consciência não-tética (de) mim. [...] A porta, a fechadura, são ao mesmo tempo instrumentos e obstáculos: mostram-se como “para manusear com cuidado”; a fechadura revela-se como “para olhar de perto e meio de viés” [...]. Eis que ouço passos no corredor: alguém me olha. Que significa isso? Fui de súbito atingido em meu ser e surgem modificações essenciais em minhas estruturas – modificações que posso captar e determinar conceitualmente por meio do *cogito* reflexivo (SARTRE, 2007, p. 334-335).

Para Sartre (2007), o princípio e ponto de ruptura com a postura de um ego solipsista advém do fenômeno do olhar. Assim, não somos meros entes constituídos por uma realidade do *eu*. O *eu* solipsista acredita que o outro seja uma mera representação de sua mente; mas para Sartre o outro é real em minha vida, é muito mais do que representação simbólica. O olhar de outrem pode inibir e provocar o sentimento de vergonha:

A vergonha, portanto, realiza uma relação íntima de mim comigo mesmo: pela vergonha, descobri um aspecto de *meu ser*. E, todavia, ainda que certas formas complexas e derivadas da vergonha possam aparecer no plano reflexivo, a vergonha não é originariamente um fenômeno de reflexão. Com efeito, quaisquer que sejam os resultados que se possam obter na solidão pela *prática* religiosa da vergonha, a vergonha, em sua estrutura primeira, é vergonha *diante de alguém*. Acabo de cometer um gesto desastrado ou vulgar: esse gesto gruda em mim, não o julgo nem o censuro, apenas vivencio (SARTRE, 2007, p. 289).

O sentimento de vergonha, vivenciado pela personagem Graça diante do olhar de Bastiana, revela graciosamente a existência do outro e de sua implicação ética. O fato de eu sentir vergonha do olhar do outro sobre mim resulta da dúvida: o que será que ele está pensando de mim? No momento da vergonha, temos a pré-compreensão de que a pessoa observadora das nossas ações tem a potência consciente de emitir juízos sobre a nossa vida. Tal fato acarreta a afirmação sartreana de que o inferno são os outros. O olhar de Bastiana é o inferno para Graça, ela se vê ameaçada em sua intimidade privada com Epifânio. Graça, perturbada pelo olhar de Bastiana, fica cética a respeito da deficiência da empregada: “Você tem certeza que essa mulher é mesmo surda? [...] Pois eu tenho minhas dúvidas” (VILELA, 1989, p. 78-79).

O olhar da empregada gerou mal-estar em Graça; isso surtiu um conflito de relação de poder com Epifânio, cada um impondo para o outro a melhor decisão a respeito do destino de Bastiana. Mas Graça vence o conflito e consegue convencer seu amante a demitir a moça. Pi executa a missão com tristeza. “A conversa com Bastiana foi uma das mais difíceis que já tive na vida: explicar a ela, por gestos — e sem um motivo convincente — que ela não era mais minha empregada” (VILELA, 1989, p. 84).

4 | ROMANCE *GRAÇA*: O CETICISMO MODERNO

Desse modo, o traço cético do romance *Graça* traduz a expressão de um projeto da modernidade. O ceticismo demonstra a certeza de que o humano não é totalmente racional (um puro eu do *cogito*), capaz de calcular suas ações a todo instante, pois, no fundo, a realidade humana, vivida de modo existencialista, entra constantemente em conflito, que muitas vezes deriva para proposições pessimistas ou niilistas, em especial a respeito da razão moderna e da crise dos valores do último quartel do segundo milênio.

Dessa maneira, os protagonistas de “Uma namorada” e *Graça* representam situações vividas por pessoas comuns, acometidas pelos conflitos da própria existência. Os protagonistas dessas narrativas refletem a angústia que se sente quando se percebe que o nada é real, que o vazio existencial é um fato.

No conto “Uma namorada”, a personagem escolhe uma forma de jurisdição da existência, o trabalho, para nela se esgotar; ele opta por um estado de má-fé e niilismo. Para conseguir isso, o jovem supervaloriza o seu ofício. Como esse protagonista, a sociedade contemporânea está imersa neste estado de niilismo passivo, colocando

em evidência as crises existenciais. No caso de Pi, protagonista de *Graça*, tem-se uma personagem conturbada por relacionamentos que não produzem mais sentido; tanto a amante quanto a empregada constituem rupturas indesejadas na organização da vida cotidiana de Epifânio. Graça, principalmente, com intervenções na organização doméstica de sua casa, representa um dos maiores dramas da existência: o outro. Os diálogos da narrativa revelam os desconfortos e os incômodos que a simples existência do outro provoca.

Ora, o diálogo em Luiz Vilela não é mero recurso técnico de construção da obra, mas uma forma estrutural de narrativa pela qual as personagens revelam os traços de suas personalidades, emitem suas opiniões, oferecem seus pontos de vista e seus ideais. As narrativas colocam em debate problemas reais da existência humana, como a consciência da responsabilidade ética e do peso das palavras. Com isso, a literatura de Vilela é uma representação da vida contemporânea, narrando problemas sobre a questão do *nada*, sobre a falta de fundamento nas relações sociais (matrimoniais, profissionais e outras), a crise dos valores da tradição judaico-cristã, as angústias diante das decisões, a condição existencial contingente do homem. Por meio de seus personagens, Vilela propõe uma reflexão contínua sobre o lugar e o papel do homem no universo.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. *Meditações*. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Discurso do Método*. Tradução de Thereza Christina. São Paulo: Paulus, 2002.

FERREIRA, Yvonélio Nery. *Humanismo e ironia nos contos de Luiz Vilela*. Uberlândia, MG: UFU, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em: <<http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html>> Acesso em: 3 novembro 2019.

FRANJOTTI, Ronaldo Vinagre. *O Mundo como graça e representação: polifonia, epifania e nihilismo em Luiz Vilela*. Campo Grande: UFMS, 2011. Dissertação (Mestrado, Estudos em Linguagens). Disponível em: <<http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html>> Acesso em: 3 outubro 2019.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MAJADAS, Wania de Souza. *O diálogo da compaixão na obra de Luiz Vilela*. Goiânia: Ed. PUC-GO/Kelps, 2011.

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. *Faces do conto de Luiz Vilela*. Araraquara, SP, 2006. 2 v. xiv, 547 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – FCL-Ar, Unesp. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ DetalheObraForm.do?select_action.= &co obra=91329> Acesso em: 5 outubro 2019.

VILELA, Luiz. *Graça*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

_____. *Bóris e Dóris*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Entre amigos**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Tremor de terra**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **No bar**. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

_____. **Tarde da noite**. São Paulo: Ática, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0